

A casa da diplomacia reabre ao público hoje e guarda tesouros de valor inestimável, como obras de Cândido Portinari, Debret, Athos Bulcão e Pedro Américo

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Escultura *A mulher e a sua sombra*, de Maria Martins



O clássico *O grito do Ipiranga*, de Pedro Américo



Lustre de metal *Revoada dos pássaros* pesa mais de uma tonelada



Pintura *Cena gaúcha*, de Cândido Portinari

Itamaraty de portas abertas

» NAUM GILÓ

Brasilienses e turistas têm novamente a oportunidade de conhecer por dentro uma das criações mais icônicas de Oscar Niemeyer, o Palácio do Itamaraty, que estava fechado para o público desde agosto do ano passado. Um dos símbolos da arquitetura modernista brasileira, a edificação, inaugurada em 1970, reabre as portas hoje. O acervo tem 3,5 mil obras e os roteiros são conduzidos por profissionais capacitados do serviço de visitação cívico-educativa do Itamaraty em português, espanhol, francês, inglês e Libras. O **Correio** mostra algumas das maravilhas expostas, para que se tenha ideia do quanto o Itamaraty é magnífico.

No tour de uma hora e 15 minutos, o visitante pode ver pinturas, esculturas, painéis, mobiliário e outras peças que contam um pouco da história da arte brasileira. O clássico e o moderno convivem em harmonia.

O deslumbre começa antes mesmo de adentrar a edificação, que parece flutuar sobre o espelho d'água com paisagismo de Roberto Burle Marx. As colunas finas de concreto que se unem no alto em forma de arco dão ainda a sensação maior de leveza.

Dentro, obras contam um pouco da história do Brasil e dialogam com a razão de existir do espaço. Após subir a escada em espiral, que parece desafiar as leis da física, o visitante se depara com a escultura metálica *Metamorfose*, de Franz Weissmann. A peça muda de formato, a depender de onde é observada.

No térreo, um grande salão

se estende, desde um jardim interno aos fundos do palácio — também de Burle Marx, com espécies da flora de florestas tropicais, com folhas grandes e de verde intenso, como taiobas e costelas-de-adão — até a parte da frente. Na parede, um painel em relevo no mármore, de Athos Bulcão.

“Não só toda a nossa frente é transparente, como o palácio não tem paredes, o que representa a abertura do Brasil para o mundo. Essa treliça delimita o espaço, mas também permite a passagem de iluminação e de ventilação”, observa a coordenadora. “É bom lembrar que o Itamaraty não é um museu. É um palácio vivo, usado diariamente, o que pode afetar a nossa agenda de visitação. Se o presidente da República recebe outro presidente, lógico que vai haver toda uma estrutura de segurança posta para funcionar”, ressalta.

Atrás da treliça, no segundo pavimento, a Sala dos Tratados abriga a mesa onde são assinados os acordos internacionais em visitas de dirigentes de outros países. “O local tem elementos que o qualificam como um palácio, apesar de ser moderno, com esses grandes espaços abertos, sensação de grandeza, mas ele também tem símbolos que ou foram desenhados para representar o Brasil propositalmente ou, eventualmente, incorporadas à identidade nacional.”

Ainda na Sala de Tratados, os bustos de Alexandre de Gusmão, Duarte da Ponte Ribeiro e Barão do Rio Branco homenageiam as personalidades que ajudaram a moldar as fronteiras do Brasil que conhecemos hoje, sem recorrer a conflitos bélicos, apenas

por negociações. “Isso é um símbolo da diplomacia”, define Elisa. Perto dali está o painel de Alfredo Volpi, uma das obras que podem ser vistas por quem passa em frente ao Palácio, à noite, quando é iluminado.

O terceiro pavimento é o mais nobre, explica Elisa Breternitz. Há preso ao teto um lustre denominado *Revoada dos pássaros*, de Pedro Correia de Araújo. A peça tem mais de uma tonelada de puro metal, com textura que lembra galhos de árvore e apenas um ponto de iluminação.

Boa parte do acervo é de autoria de artistas de renome, brasileiros ou naturalizados, e há peças antigas, de autoria desconhecida. Estão presentes obras dos pintores Pedro Américo, criador do clássico *O grito do Ipiranga*, e Jean-Baptiste Debret, com *A Coroação de Dom Pedro 1º*.

A Sala Portinari tem como destaques obras do brasileiro Cândido Portinari que representam duas regiões: *Jangadas do Nordeste* e *Cena Gaúcha*.

O contraste entre o mobiliário dos séculos 18, 19 e início do 20 e a arte modernista dá nome à Sala Duas Épocas, que abriga a obra *O pássaro* — de bronze com base de granito — de Marianne Peretti. O tapete com iconografia marajoara atesta os elementos brasileiros incorporados ao art decor nacional. A escultura *Mulher e sua sombra* é assinada por Maria Martins, influente no movimento surrealista.

O terraço, com vista para as sedes dos Três Poderes, tem uma abertura para o céu ao centro, sob a qual fica um jardim de Burle Marx. “É como se fosse uma varanda para a República”, descreve Elisa Breternitz.



Elisa Breternitz é coordenadora-geral do Patrimônio do Palácio do Itamaraty



Painel do artista plástico Alexandre Volpi



A visitação ao Itamaraty é exclusivamente via agendamento eletrônico, de terça-feira a domingo, sujeita a alterações, sem aviso prévio. Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja as regras